

LIÇÃO I

José M. Jorge

SUMMARIO.—1. Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva.—2. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo.—3. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras. Vogaes; grupos vocalicos. Consoantes; grupos consonantæes. Syllabas; grupos syllabicos.—Vocabulo.—Notações lexicas.

1. Grammatica é a coordenação das fórmulas, leis ou regras, seguundo as quaes uma liugna é falada ou escripta.

Esta definição é deduzida da observação dos factos da liugagem. A analyse revela que toda a liugna tem grammatica, porque os vocabulos que servem para a expressão das idéas, affectam variações de fôrma, de collocação e de sentido susceptiveis de serem generalizadas, isto é, de serem construidas sob o typo de *leis* ou *regras*. O systema geral e abstracto destas leis constitue a *grammatica*.

A grammatica divide-se em *geral* e *particular*.

Grammatica goral é a que expõe os principios logicos communs a todas as liugnas.

Grammatica particular é a que expõe os principios e as particularidades especiaes de um idioma.

Actualmente o progresso da philologia proscreveu a sciencia da *grammatica geral*. Não ha *grammatica geral* senão para uma classe, familia ou grupo de liugnas da mesma filiação.

Grammatica historica é a que estuda os factos de uma liugna, em seus diversos periodos, desde a origem e formação até a época presente.

Grammatica comparativa é a que estuda os factos communs ou differentes, em um grupo de linguas que têm a mesma origem.

Em geral, tanto o estudo *historico* como o *comparativo*, são inseparaveis e constituem o *methodo historico-comparativo*, essencial á sciencia das linguas. No caso da lingua portugueza, os elementos *historicos* são fornecidos pelo latim, pelo portuguez antigo e pelas influencias das linguas extranhas, em diversas épocas; os elementos *comparativos* acham-se na analyse das linguas romanas, o italiano, o francez e o hespanhol, que todas se originam do latim barbaro da edade-média.

Grammatica descriptiva ou expositiva, ou pratica, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente uma lingua.

A grammatica pratica, como arte que é, contém preceitos frequentemente anti-scientificos, por isso que as suas vantagens consistem em procurar meios mecanicos e mnemonicos que facilitem o estudo. Assim, a grammatica pratica denomina irregulares os verbos que, scientificamente, no sentido da filiação historica, conservam a regularidade primitiva.

2. A grammatica portugueza divide-se em quatro partes principaes: *Phonologia*, *Morphologia*, *Classificação* ou *Taxinomia* e *Syntaxe*. As tres primeiras referem-se ao estudo do *vocabulo*; a última ao da *phrase* ou *proposição*.

As partes que se referem ao estudo do vocabulo têm no conjuncto a denominação de *Lexilogia*.

O estudo do sentido do vocabulo chama-se *Semantica*, e o de origem e formas primitivas, *etymologia*: comquanto muito de pendentes da grammatica, della não fazem communmente parte a *Etymologia*, nem a *Semantica*, e antes representam divisões da philologia geral.

Phonologia é o estudo do vocabulo, considerado como um composto de sons.

O estudo dos sons acarreta o estudo das letras e symbolos que os representam. D'ahi, os dous complementos da phonologia: a *Orthographia*, que ensina a representar graphicamente o vocabulos; a *Orthoepia* ou *Prosodia*, que ensina a pronunciar-os segundo o bom uso.

Morphologia é o estudo do vocabulo considerado como um composto de elementos significantes ou orgãos.

A *morphologia* corresponde ao que nas sciencias biologicas tem sido varias vezes denominado *Organographia*. Os elementos morpicos não são simples lettras ou syllabas, são partes do vocabulo que representam uma idéa principal ou accessoria :

amar-ei
con-de-scend-ente
bon-d-oso
livro-s
pro-vid-enc-iar

Cada um destes elementos em separado tem um sentido e todos concorrem para determinar a significação pura do vocabulo, determinando-lhe ao mesmo tempo a historia.

Em algumas grammaticas o estudo das *flexões* ou desinencias apropriadas a certas funcções, como a expressão do genero, numero, etc., recebe a denominação de *kampenomia*.

Taxinomia ou classificação é a distribuição dos vocabulos por familias e especies, segundo o sentido. (1)

A classificação toma por base a idéa, por ser esta o attributo mais notavel do vocabulo. Segundo este systema, as palavras são classificadas em familias, que têm as denominações de *substantivos, verbos, etc.*

☐ A *taxinomia* tambem se refere á classificação das phrases e das proposições, segundo a funcção que representam no discurso.

Syntaxe é o estudo dos vocabulos em coordenação, isto é, considerados na phrase.

Os vocabulos considerados uns com os outros, na proposição, mantêm entre si tres especies de relações : a de *ordem* ou collocação ; a de *subordinação* ou dependencia e a de *concordancia*.

Fica incluido na syntaxe o estudo da classificação das phrases ou *analyse logica*.

(1) A forma *taxinomia* é preferivel a *taxonomia* ou *taxonomnia* ; e *lexiologia* a *lexeologia* e *lexiologia*.

Phonologia

3 **Phonologia ou phonetica**, é o estudo da palavra considerada como um composto de sons.

Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *a, i, ô, ó*. O conjuncto das letras tem o nome de *alphabeto*.

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *â, ê, ô*, que são suppridos por accentos; ao mesmo tempo, possui caracteres superabundantes como *ç, s, c, h, q*, etc.

As letras dividem-se em *vogaes* e *consoantes*.

Chamam-se *vogaes* os differentes timbres da voz (1). A vogal é um som laryngeo, puro e inarticulado: *a, é, o*, etc.

Chamam-se *consoantes* os sons articulados que só se produzem com o concurso das vogaes: *b (b+ê) c, d...*

E' o que se conclue dos radicaes do vocabulo: *cum—sonare—soar* juntamente.

As consoantes produzem-se no *pharynge*, no *tubo vocal*, e em sua producção recebem a influencia e o concurso dos orgãos que constituem aquelle tubo: *os dentes, o véo do paladar, os labios*, etc.

Physiologicamente, as consoantes dividem-se em dous grandes grupos: *explosivas* e *continuas*.

As consoantes que se produzem apenas por uma contracção ou estreitamento do tubo vocal, chamam-se *continuas* e têm esta denominação porque se fazem ouvir sem a necessidade de uma vogal: taes são, *s, f, v, x*.

As *consoantes explosivas* ou *momentaneas*, não podem ser articuladas de nenhum modo, sem vogal. Produzem-se, não por estreitamento, mas por contacto de duas partes do tubo vocal: *t, d, b, m*. As consoantes *continuas* também são denominadas *fricativas*.

(1) Max Muller.

Classificam-se as consoantes em *labiaes*, *dentaes*, *linguaes*, *palataes*, *gutturaes*, conforme a influencia que os *labios*, os *dentes*, etc., exercem em sua producção.

↳ São *labiaes* : *b*, *p*, *m*, *f*, *v*.

↳ *Dentaes* : *t*, *d*, *s*, *n*.

↳ *Palataes* : *j*, *g* (*gê*).

↳ *Linguaes* : *l*, *r* (*brando*).

Gutturaes : *c* e *g* (*fortes*) *k*, *q*, *n*.

O som *nasal* pôde ser *guttural* (*n*) ou *labial* (*m*).

Grupo vocalico é a reunião de duas ou tres vogaes : *au*, *ia*.

O grupo de duas vogaes chama-se *diphthongo*.

Quando em um grupo vocalico as vogaes que o compõem pronunciam-se separadamente, ha o que se chama *hiato*, Ex.: *plancie*, *lua*, *tio*, etc.

Grupo consonantal é a reunião de duas ou tres consoantes: *bl*, *chr*, etc.

Syllaba é uma letra ou grupo de letras, que podem ser enunciadas por uma unica emissão de voz : *cra*, *ble*, *z*, *bran*.

Quando se articula uma *syllaba*, vindo o ar do pulmão, é inevitavel a producção de um som laryngeo ; por isso toda a *syllaba* tem uma vogal.

Grupo syllabico é a reunião de duas ou mais *syllabas*. Os vocabulos que só possuem uma *syllaba* chamam-se *monosyllabos*, os que possuem duas, *dissyllabos* e tres, *trissyllabos* ; em geral, os que possuem mais le duas *syllabas*, denominam-se *polysyllabos*.

Vocabulo ou palavra é a representação da idéa por meio de sons.

As idéas podem ser representadas por letras ou por symbolos: *Deus*, *casa*. 85. etc.

NOTAÇÕES LEXICAS são os signaes que indicam os diversos valores phoneticos de uma letra.

As mais importantes são ;

● **til** (~) que indica o som nasal : *irmã, coração* etc. O *til* póde ser substituido pelo *m* ou *n*, em alguns casos : *irman*. Em portuguez, o *til* só se emprega para indicar a nasalidade das letras *a, o* e nas abreviaturas.

● **accento agudo** (') serve para indicar os sons intensos : *rapé, mó*.

O *accento agudo* muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocabulos : *bota* (subst.) e *bóta* (verbo).

● **accento circumflexo** (^) serve para indicar os sons graves : *dôr, mercê*.

● **cedilha** (,) serve para indicar o som brando do *c*, antes de *a, o, u* : *caça, poço, açude*.

A cedilha (*zediglia*), como o nome indica, era um pequeno *z* que no italiano e francez antigo exercia função identica : *faczon, leczon*—*façon, leçon*.

PHONOLOGIA HISTORICA

(THEORIA GERAL)

Constitue a phonologia historica o estudo da evolução dos sons vocabulares desde a época latina até a da constituição do *romance* e da mesma lingua actual. Até a época do *romance* (lingua antiga) que se pôde fixar entre os seculos XII e XIII para o portuguez, a evolução foi *organica*, isto é, operou-se sob o regimen das causas naturaes e inconscientes da degeneração das linguas. D'ahi em diante, porém, a cultura litteraria, a disciplina grammatical e o cuidado pelos estudos philologicos tornaram-se agentes artificiaes ora em reacção ora em concurrencia com o movimento organico primitivo, que foi e vae perdendo cada vez mais a intensidade propria, sem comtudo annullar-se totalmente.

As forças que lentamente minavam e produziam a dissolução dos phonemas latinos, affectavam modalidades especiaes que variavam segundo os lugares e os tempos. Todavia, as transformações, que o idioma soffria, deixavam claramente observaveis duas tendencias geraes, que caracterisaram o conjuncto dos resultados: a *decomposição* e a *reconstrucção*.

Uma vez instituidas estas correntes contrarias, tornou-se possível o equilibrio. A' medida que, pela *decomposição*, se davam o enfraquecimento e a perda consecutiva dos valores phoneticos, novas forças surgiam que, alliadas ao trabalho mental e obvolvidas umas sobre outras, se iam oppondo á devastação da lingua.

Assim pois, a *phonologia* comprehende o estudo das duas forças geraes permanentes, que mantêm a lingua em equilibrio embora instavel: a *decomposição* e a *reconstrucção*.

I—A DECOMPOSIÇÃO

Os phenomenos de *decomposição*, cujo maximo resultado foi differenciar e dar individualidade original ás linguas modernas, acham explicação em muitas e mui variadas causas.

Entre estes factores são de notar as *raças* e *linguas* primitivas ou posteriores, que pela invasão, se superpuzeram ao dominio latino na peninsula.

Taes foram o celtico, o gothico, e o arabe.

Bem se vê que semelhante factor offerece sérias difficuldades de analyse, mas alguns factos ha que resistem a qualquer controversia.

E' sabido que alguns sons gutturaes e aspirados são devidos á influencia arabe. Outros phenomenos phoneticos derivam da

mesma origem, taes como as *protheses*, outr'ora innumeraveis, da letra *a* nos substantivos portuguezes: *alagoa, alicornio, alampada, aluquer, alanterna*.

Ainda mais. Ninguem contesta a procedencia gothica das transformações *gu, gh* dos sons *w, v*. Exemplos:

gastar	—	vastare
gomitar	—	vomitare
sargento	—	servientem
guai!	—	væ!

Desta classe participam os termos *Guadalquivir, Guadiana, Guimarães, guiza*, (ant.) etc., etc.

Além das *raças e linguas* convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é, incontestavelmente, o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima*, por ser a causa mais geral e que pôde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica*, induzindo dos factos a verdade que *os sons tornam-se mais agudos á medida que cresce a latitude* ou baixa a temperatura. Assim os phonemas latinos, italianos e peninsulares em *A*, tornam-se mais agudos na zona média, na França, e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão pôde ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)	E (francez)	I (inglez)
Cabo	} — Chef	— Chief (<i>tɔif</i>)
Capo		
Caput		
Labio	} — Lèvre	— Lip
Labbro		
Labrum		
Aquila	} — aig'le	— eagle (<i>igl'</i>)
Aguia		

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* ou *diminuição sonora* dos valores phoneticos, produzida pela acção do clima.

Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physiognomica das linguas, e que a umas dão preferencia por certos sons que em outras escasseiam. O som chiante do *s* e os diphthongos em *ão* caracterizam o portuguez; os sons gutturaes do *ch* dão especial parecer ao allemão, como o sibilo-dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem sua organização ou indole phonetica de tal arte ordenada, que se pôde, ao ouvir confusamente um trecho declamado, dizer em que lingua está composto, ainda quando se não percebe uma só palavra ou phrase.

A acção *mesologica* é, sobretudo, profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é claro que a actividade cerebral e as funcções do apparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos orgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.

Todos os factores que contribuem para a differenciação da lingua em qualquer direcção, quer impulsores, quer obsidentes, refletem e vão ter ao principio geral de economia physiologica, conhecido pelo appellido de *lei do menor esforço*.

Esta lei de caracter generalissimo pôde em verdade conter os phenomenos não só de *decomposição*, mas os de *reconstrucção* phonica; é ella todavia applicada mais restrictamente á série de transformações que se distinguem por decrescentes reduções do valor phonetico.

De sorte que o principio pôde ser formulado, em phonologia, de seguinte modo:

Na decomposição da lingua, todo o som tende a diminuir de força ou a abrandar até o extremo limite: a desappareição ou queda.

D'ahi evidentemente se infere que os sons comportam duas especies determinadas de redução:

- 1.º O *abrandamento*.
- 2.º A *queda*.

Estas duas ordens de factos assignalam os dous modos essenciaes da decomposição. Sem que se exerçam discripcionariamente, é licito lembrar qua o *abrandamento* e a *perda* acontecem sob a occurrencia de outras causas e circumstancias de que mais tarde faremos a analyse.

II.— RECONSTRUCÇÃO

E' manifesto que chegaríamos á ruina do idioma, dado que fosse exclusiva a acção das leis degeneradoras. Sem sahir do mesmo dominio unico da phonetica, os estragos produzidos pela *decom-*

posição seriam excessivos; os sons fortes e intensos enfraqueceriam e os sons fracos e brandos ficariam de continuo sujeitos a perdas inevitáveis.

Mas, ainda ahí, verificou-se o principio que o transformismo biologico denominou: *a lucta pela existencia*. O conflicto produziu-se entre as forças que arrastavam a degeneração dos vocabulos e as forças que se oppunham a esta degeneração, provenientes as ultimas em parte dos elementos de resistencia propria dos sons e em parte da intervenção do espirito humano, que naturalmente procurava manter a integridade da lingua.

De feito, os vocabulos contém em si proprios bases estaveis de resistencia e de reacção: *a euphonia, o tamanho, as letras iniciaes e especialmente o accento tonico* foram elementos que os deixaram em perfeita seguridade contra a onda invasora da decomposição phonetica. Por outra parte, o espirito do homem interessado na manutenção indeclinavel da lingua, exercia a integração dos vocabulos pela *emphase*, reforçando-os e ampliando-os, conforme impunha a necessidade.

Vê-se do que fica acima declarado que a *reconstrucção* da lingua se effectuou por meio de processos bilateraes: de um lado, a reacção negativa expressa pela resistencia á decomposição, resistencia constituída pelo *accento*, pela *grandesa* (em geral pela pequenez do vocabulo), pelas letras iniciaes, pela *euphonia* e facilidade prosodica; de outro lado, nota-se a reacção positiva, caracterisada pela novidade dos expedientes, pelo reforçamento e pela criação consciente de sons novos, que ampliavam os vocabulos e facilitavam a pronuncia, tornando-os mais euphonicos.

Em summa, coexistiram no conflicto um momento *physiologico* e outro *psychologico*, ambos reactores e sufficientes para a elaboração do equilibrio e da restauração da lingua.

A mais superficial analyse põe a limpo immediatamente as direcções systematicas, que a reacção constructora affectava. Aos dous principios da decomposição, o *abrandamento* e a *queda*, oppunham-se respectivamente os principios antogonicos o *reforço* e o *neophonema* ou a introducção de novos elementos phoneticos (1), letras adventicias, interpolações suffixações e elementos addicionaes.

Como já fizemos sentir opportunamente, na propria acção dos elementos reconstructores, aqui e acolá, aparte algumas intermittencias, observa-se o principio do *menor esforço*, mas do *menor esforço espirital* ou *psychologico*.

A deformação, o destroço das fórmias materiaes e dos symbolos de flexão augmentaria, de certo, as ellipses, os esforços da percepção, emfim a energia mental, cujo trabalho ficou dimi-

(1) E' conveniente a adopção do neologismo *neophonema*.

nuido pela reconstrucção, e pela consequente clareza e abundancia das fórmas.

Ordenando summariamente os factos essenciaes da reconstrucção phonetica, temos :

- I. O accento tonico persiste ou escapa á decomposiçãõ.
- II. A letra inicial persiste.
- III. Os vocabulos de pequena grandeza persistem.

Além desses principios de resistencia negativa a que se podem aggregar o da *euphonia* e outros menos importantes, notam-se os dous modos culminantes da emphase :

- IV—1) O *reforçamento* de sons.
- V—2) Os *neophonemas* ou sons addicionaes.

Destes principios faremos mais tarde minuciosa analyse. Convém, entretanto, desde já esclarecer que os phenomenos de *perda* e *conservação* ora referem-se aos sons, e fazem parte do estudo que esboçamos, ora referem-se aos vocabulos *in totum* e constituem o estudo lexilógico dos *archaismos* e *neologismos*, objecto extranho á phonologia, embora com esta mantenha alguns pontos de contacto.

III — INTERFERENCIAS

Em profundo desacerto cairia aquelle que tentasse explicar todas as modalidades phoneticas. pelo simples recurso da decomposiçãõ e da reconstrucção. Os dois grandes factores são victimas de perturbações, de casos especiaes que interceptam, modificam e por vezes lhes annullam toda a actividade. Não raro se observa que á perda de um elemento succede o reforçamento compensativo de outro. No latim, para exemplo, a queda do *d* em *dis*, *dvellum*, foi compensada pelo reforçamento do *v*, em *bis*, *bellum*.

Assim, existem factores secundarios de grande e extensissima funcção, communs tanto á corrente degeneradora como á reconstructiva. São os *factores interferentes*, cuja acção embora limitada, nem por isso deixa de ser importante.

Em primeiro lugar deve-se nomear o *principio de Analogia*, que opera pouco a pouco a uniformidade e perfeição pratica das linguas. É intuitivo que sendo a *Analogia* a tendencia para uniformar e methodisar no dominio das fórmas, da morphologia, é que se manifesta com a maior intensidade.

Outros principios ainda intercorrem e complicam a evoluçãõ phonetica: taes são os phenomenos de attracção ou *sympathia*,

conhecidos pelo termo de *assimilação* e os seus oppostos de *dis-similação* e *transposição* ou *metathese*.

1.) A *analogia* funciona como força de systematisação, e por isso reduz ao *minimum* possível a variabilidade de formas e de expoentes morphicos. Além da função negativa de redução, opera como força creadora inventando, sobre os moldes mais communs, os typos que a necessidade e o progresso das linguas reclamam.

No portuguez, a analogia dos infinitos em *ar* e em *ir*, tornou oxytonos todos os infinitivos em *er* (de *ere* e de *ëre*); reduziu as flexões verbaes e substituiu-as por tempos compostos, no futuro, no condicional, e nas vozes passivas.

Desenvolvida a phrase *analytica* das linguas romanas, deu ás formas nominaes, um unico caso, cujo typo etymologico é o accusativo latino.

Na formação do *genero* fez preponderar como expoentes do masculino e do feminino, as letras *o* e *a*. D'ahi a derivação, apparentemente anormal, dos neutros latinos, cujo genero se perdera, do plural em *a*: *folia* de *folium*, etc.

A flexão em *o*, tornando-se o typo geral dos masculinos e correspondendo á segunda declinação latina, tornou masculinos analogicamente os femininos da segunda declinação: *louro* de *laurum*; *choupo* de *populum*, etc. Foi ainda a *analogia* que procurou determinar o genero sómente pela flexão, creando os femininos *freira*, *patroa*, apesar de só existirem os masculinos *frater*, *patronus*. A *analogia* creou flexões femininas para os nomes communs, dizendo: *princesa*, *parenta*, *infanta* de *princeps*, *parens*, *infans*, communs aos dous sexos. E o que é mais curioso, muitas vezes o masculino originou-se de um typo feminino, como *frango* de *franga*; *mono* de *mona* (ital.), *pombo* de *pomba*.

Note-se, que por natureza propria, a função da *analogia* não é começar, mas continuar e fazer progredir uma tendencia já existente. Sendo de gestação popular e inconsciente, a analogia é muitas vezes grosseira e falsa, submettendo á uniformidade alguns factos de origem e indole diversa; como por ex.: dando a *pedir* e *impedir* a mesma flexão *peço* e *impeço*; formando nomes como *Tiago* em vez de *Iago* (Sant'Iago), etc., etc.

2.) Outra força interferente existe que constantemente reflue contra as correntes normaes da evolução das linguas, e é a que denominamos a *influencia erudita*.

A influencia erudita procurou approximar a lingua da fonte latina e com este criterio destruiu muitas indecisões e schismas que necessitavam de fixação e de disciplina.

Se a *analogia* por uma parte a principio generalisou a regra dos femininos em *a*, tornando taes os nomes *cometa*, *planeta*, etc., a disciplina erudita do seculo XVI em diante restituiu o genero masculino áquelles vocabulos.

Perdida a fôrma dos superlativos proprios em *issimo*, a influencia erudita revocou-os do latim, desde o seculo XV. (1)

A's elaborações phoneticas puras foram contrapostos os neologismos litterarios, creando fôrmas divergentes: *macula* e *maçoa*; *primeiro* e *primario*. Muitas vezes succedeu que a fôrma erudita supplantou o typo popular, como se vê em *seculo* sobre *segre*; *plantar* sobre *prantar* e *chantar*, etc. Outras vezes a fôrma popular só se denuncia em algum vestigio: assim o adjectivo *preço* divergente com *pleno*, ficou immobilizado na expressão: *preço-mar*. A palavra *mar* era feminina, outora, como ainda o é hoje no francez e na mencionada locução portugueza.

Foi ainda a influencia erudita que modificou a pronuncia do *x* de *ch* chiante para *hs*; identica transformação prosodica operou no grupo *qu* que nos primeiros tempos soava como *c* duro ou *k*, pelo que attestam as fôrmas antiquadas: *casi* (quasi) *contia* (quantia) *córesma* (quaresma, *quadragesima*) *calidade* (qualidade) *car* (de *quare*).

A influencia erudita restabeleceu as suffixações em *ario* que por metathese se haviam quedado em *airo*: *rosario*, *primario*, de *rosairo* e *primairo*.

Mas, nem sempre, o factor da disciplina erudita, conseguia destruir as fôrmas usuaes: se o antigo adjectivo *bão*, *bôa*, pôde ser latinizado na fôrma *bom*; todavia com a primeira pessoa do presente do verbo *ser*, de typos indecisos *som* e *sou* no seculo XV e XVI, apesar da autoridade de João de Barros, deu-se a victoria da ultima fôrma mais affastada do exemplar latino, *sum*.

3) Não nos devemos esquecer, afinal, das leis phoneticas, communs a toda a especie de idiomas, e conhecidas por leis de *assimilação* e *dissimilação*.

Antes da *assimilação* dos sons notada francamente desde o latim, como se vê em *attender* (*attendere* de *ad-tendere*) é pelo menos theoreticamente admissivel uma phase preliminar e de transição. De facto, o *accommodamento* é um esboço da *assimilação*, e que é muito commum na coalescencia das vogaes duplas antigas (*má*=*maa*, *ler*=*leer*), mais claramente se mostra entre as consoantes e grupos respectivos, que, sem se assimilar tomam fôrmas mais euphonicas e adaptaveis ás letras precedentes: tal é a nasal de *encame*, *ensaio* (*examen*, *exagium*) e dos proprios elementos não latinos *enchorar* (do inglez *a-shore*). A fôrma *factum* produziu *fato* (pop.) e *feito* e só artificialmente o especimen erudito *facto*.

A *assimilação* perfeita, isto é, a que produziu a substituição da letra assimilada por outra igual á precessora e assimilante,

(1) Antes disso, são raros os superlativos em *issimo*. Cita-se por exemplo *Santissimo*.

exemplifica-se abundantemente nos vocabulos de prefixação de *ab, ad, in, etc.*: *attendere, assistir, applicar, illegioel, etc.*

Não se deve esquecer, porém, quanto ao elemento arabico, o facto curioso de que a assimilação só se produz na junção das letras chamadas lunares: *r, s, z, ç.*

Taes são as assimilações do artigo *al*.

As-sucar

Az-zeite

Ar-rabil

A -çude (as-sude)

E' claro que os phenomenos de *assimilação* ou *sympathia phonetica*, interferem frequentemente dentro da orbita das leis geraes da *phonologia*, creando excepções e casos especialissimos inexplicaveis muitas vezes pela simples filiação historica.

LIÇÃO II

Da accentuação e da quantidade

Na degeneração do latim foi-se pouco a pouco oblitando a noção de quantidade, em proveito do *accento*, que se tornou, como diz Frederico Diez, o centro de gravidade da palavra.

O som tem duração e tem intensidade.

Na *duração* baseia-se o conceito de quantidade; e neste caso, os sons podem ser *longos* ou *breves*, podem ser pronunciados em maior ou em menor espaço de tempo.

É sobre a *intensidade* ou *acuidade* dos sons, que se baseia o conceito de *accento*. A vogal, e por extensão a syllaba mais intensa, diz-se *tonica*, *accentuada* ou *syllaba predominante*. As vogaes e syllabas menos intensas ou graves dizem-se *atonas*.

Usualmente a palavra *accento* designa o *accento agudo*, relativo á syllaba predominante.

Os vocabulos que têm o *accento* na ultima syllaba dizem-se *oxytonos*: *café*, *immortal*. Os que têm o *accento* na penultima são *paroxytonos* *casa*, *verdade*. Os que têm o *accento* na antepenultima são *proparoxytonos*: *celebre*, *philosopho*.

Os *paroxytonos* e *proparoxytonos* têm a denominação commum de *barytonos*.

Em relação ás expressões antigas, *proparoxytono* equivale ao *extrazulo* ou *dactylo*; o *paroxytono* ao *grave*; e o *oxytono* ao *agudo*.

● **accento**.—O *accento latino* foi, em regra geral, conservado nas linguas romanas, conseguintemente na

lingua portugueza. Esta lei é a mais importante e geral da phonologia novo-latina. Exemplos da lingua portugueza.

Cerebro	—	<i>cerebrum</i>
Praça	—	<i>plateam.</i>
Lebre	—	<i>lépore.</i>
Janeiro	—	<i>januarium.</i>
Piedade	—	<i>pietatem.</i>
Joelho	—	<i>genuculum, aut. geólho.</i>
Cabido	—	<i>capitulum.</i>

Convém observar que os vocabulos oxytonos, que não existiam na latim, também conservam a accentuação primitiva :

Amor	—	<i>amórem.</i>
Jazer	—	<i>jacére.</i>
Razão	—	<i>rationem.</i>
Oradôr	—	<i>oratozem.</i>
Fiel	—	<i>fidelem.</i>

Ainda os compostos conservam frequentemente o *accento* dos seus radicaes, resultando d'ahi muitas vezes a *accentuação dupla* : *recíproca + ménte*; *trópega + ménte*; *physico-chimica*, etc.

Existe também o *accento proprio* da phrase em prosa ou em verso, o *accento oracional*, muito sensível na conversação ou na declamação.

As excepções da *lei de persistencia do accento tonico* são assáz numerosas, embora representem um pequeno *minimum* ao lado de todo o vocabulario da lingua. Aqui mostraremos os casos mais geraes da *deslocação do accento* nas palavras portuguezas:

1.ª) *A analogia deslocou o accento em grande numero de fórmas verbaes.*

Como das quatro conjugações latinas, tres possuíam os infinitivos paroxytonos, em *are, ēre, ire*, a ultima em *ēre breve* foi impellida para o caso mais geral. Assim, explicam-se as deslocações do accento em :

caber — *cápere* (*capére*)
dizer — *dicere* (*dicére*)
fazer — *fácere*, (*facére*) etc.

Da persistencia do accento, porém, restam vestígios nas fórmulas do futuro de alguns verbos: *far-ei*; *dir-ei*, etc., em que os themas *far*, *dir*, apresentam a accentuação de *fácere*, *dicere*.

Por seu turno, os infinitivos uma vez degenerados constituiram-se themas fixos das conjugações, com prejuizo do accento latino :

Considerar—(*considerare*)—*Considéro*—(*considero*)
ant. *considro*.

Imaginar (*imaginare*)—*Imagino* (*Imágino*)
Imáginas.

Este facto póde ser interpretado segundo o principio: *as fórmulas de flexões conservam a accentuação do thema respectivo*. Por exemplo, o accento de *amáva* persiste nas variações *amávamos* (*amabámus*) *amáveis*, etc. †

2.^a) A tendencia para evitar o hiato e o exdruxulo, sempre de prosodia difficil, operou a deslocação do accento. Exemplos:

Lençol — *lintéolum*
Feijão — *faséolum*
Humilde — *humílem*

3.^a) A tendencia para evitar o maior esforço de articulação é uma das causas mais notaveis da deslocação do accento. Deste modo, nota-se a influencia regressiva dos

grupos *br, tr, cr, dr*, de pronuncia difficil e que frequentemente attrahem o accento :

alvedrío	—	<i>arbitrium</i>
penétro	—	<i>penetro</i>
inteiro	—	<i>integrum</i>
alegre	—	<i>álacrem</i>
trevas	—	<i>ténebras</i>

4.^a) Quando occurriam fórmãs gregas e latinas, em geral, houve obediencia á accentuação latina. Em alguns casos, porém, a accentuação grega tornou-se predominante, como se vê dos seguintes exemplos :

<i>Acónito</i>	—	<i>aconitum</i>
<i>Idolo</i>	—	<i>idólum</i>
<i>Tisdna</i>	—	<i>ptisana</i>
<i>Elogío</i>	—	<i>elógium</i>

A obediencia ao accento grego foi sobretudo notavel nas fórmãs eruditas, que contém o suffixo *ia* : *agrypnia, geometria, philosophia, geographia*, etc. (1)

5.^a) Do elemento germânico são pouco importantes os casos de deslocação do accento. Citam-se *arénque de hérinc*, e os dous nomes *Américo Copérnico* em contra-posição com *Alarico, Eurico, Rodrigo (Roderico)*, etc.

6.^a) Do elemento arabe existem casos notificados pelas fórmãs divergentes, como :

alcool e *alcofôr* (kafûr)

Taes são os factos de maior importancia relativamente ás leis do accento tonico.

(1) As palayras gregas são : acóniton *ακόνιτον*, eidolon, *είδολον* — ptisanê, *πιτσάνη*, elogion *ελογιον*.

Por influencia da prosodia franceza tem sido adoptada a pronuncia erronea de alguns vocabulos : *resedá*, *Alegria*, *cosmético*, *genése*, *aerostáta*, etc.

Os indios no Brazil, em conformidade com a lingua tupi, tornavam oxytonos os vocabulos portuguezes : *cabará* (cabra) *cabará* (cavallo) *curusú* (cruz) etc.

A prosodia dos nomes proprios de origem grega e hebraica, etc., nunca foi definida. Dahi a variedade de accentuações : *Dário* (Camões III, 41; X, 21) *Cleopátra* (III, 141) *Heliogabálo* (III, 92) *Annibál* (X, 153), etc. (1)

Ha casos de deslocação de accentto difficilmente explicaveis : dádiva de *dátiva*; bahú de *bájulus*; figado de *ficátum*.

Quantidade.—Como dissemos em principio, a noção de quantidade tão clara e innegavel entre os romanos, ficou obliterada pela predominancia quasi exclusiva do accentto.

Nas linguas romanas, em rigôr não ha distincção absoluta entre as syllabas *longas* e as *breves*; mas na prosodia portugueza europêa, notam-se claramente os valores *breves* : *querer* (*c'rer*), *pelotão* (*p'lutão*), etc. Do mesmo modo, entre os brazileiros, notam-se com maior nitidez os valores longos : *pélótão*, *querêr*, *espérança*.

Em rigôr, é nas palavras de relação, nas enclises e proclises que a quantidade mais se revêla amplamente :

para — p'ra
de dia — d'dia
me diz — m'diz

A quantidade latina foi sempre desrespeitada, por isso que nas linguas romanas a vogal atona é sempre breve :

infinito — *infinitus*
hómens — *hominés*
maravilha — *mirábilis*

(1) Reinhardtstœtner — *Gramm.*

Goese H. J. J. J.

Foi de tal ordem a supremacia do *accento*, que, em regra, a quantidade só não foi violada quando coincidiu com a accentuação em uma mesma syllaba. (1)

(1) Um facto que bem poderia representar a noção de *quantidade* na lingua é o rythmo prosódico das syllabas, resultante e dependente do *accento*, em qualquer vocabulo.

Na pronuncia de uma palavra notam-se alternadamente uma syllaba forte e logo outra fraca em toda a extensão do vocabulo :

Ci ví li sa ção
Re gu la ri da de, etc.

A observação mostra que estes vocabulos são pronunciados como o seriam as phrases imaginaveis seguintes : *Cive lisa são* ; *régo lare dade*. Isto prova que existe um rythmo que não póde ser destruido nem tão pouco ser transformado em outro v. g. : *civí lisá ção* ; *regú lari dáde*, etc.

E' clara a existencia do rythmo, e as cesuras ou *accentos secundarios* são dispostos alternadamente, conforme o *accento principal*. Se este cahe sobre a syllaba impar, as cesuras tambem recahem sobre syllabas impares :

1 2 3 4 5 6

Ca-pil la-ri DA-de
(Cápe, lare, dade)

Quando o *accento principal* cae sobre syllaba par, as cesuras são tambem pares :

1 2 3 4 5

Ca val ga du ra

A excepções notam-se, apenas nas palavras compostas cujos elementos já tem os seus *accentos* determinados. Por isso não se dirá *contradizer*, e sim, *contradizer*.
